

VENUTI, Lawrence. A formação de identidades culturais. In: VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução**. Bauru: EDUSC, 2002. p. 129-167.

“A tradução com frequência é vista com suspeita porque, inevitavelmente, domestica textos estrangeiros, inscrevendo neles valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas. Esse processo de inscrição opera em cada um dos estágios: na produção, circulação e recepção da tradução.” (p. 129)

A formação de identidades culturais é “ a maior fonte potencial de *escândalos*”, visto que:

“A tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturais estrangeiras.”

“Ao criar **estereótipos**, a tradução pode vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos, gerando **respeito** pela diferença cultural ou **aversão** baseada no etnocentrismo, racismo ou patriotismo. A longo prazo, a tradução penetra nas relações geopolíticas ao estabelecer as bases culturais da diplomacia, **reforçando alianças, antagonismos e hegemônias entre nações.**” (p. 130)

“Meu objetivo é levar em consideração o modo como a tradução forma identidades culturais específicas e as mantém com um relativo grau de coerência e homogeneidade, mas também o modo como **ela cria possibilidades para a resistência cultural, a inovação e a mudança em qualquer momento histórico.** [...] a tradução é obrigada a voltar-se para as diferenças culturais e linguísticas de um texto estrangeiro, ela pode com a mesma eficácia, promover ou reprimir a heterogeneidade na cultura doméstica.

- A representação de culturas estrangeiras:
- O estudo de John Jones - *Poética* de Aristóteles : individualismo romântico (1909) e o existencialismo (pós-Segunda Guerra).
- ✓ Mostrou que uma tradução acadêmica constrói uma representação doméstica de uma cultura e de um texto estrangeiros, podendo alterar a instituição na qual estiver alojada porque as fronteiras disciplinares são permeáveis. (p. 137)
- A representação de culturas estrangeiras:
- A tradução da ficção japonesa moderna por Fowler (1992): escolhas seletivas (três autores) e criando estereótipos do povo japonês (evasivo, obscuro, inconcluso)
- ✓ Aqui, “uma comunidade cultural específica controla a representação de literaturas estrangeiras para outras comunidades na cultura doméstica, **privilegiando** certos valores domésticos enquanto **exclui** outros e estabelecendo um cânone de textos estrangeiros que é necessariamente parcial porque está a serviço de certos interesses domésticos. (p. 137)
- A criação de sujeitos domésticos

- Resumo dos exemplos *Jones e literatura japonesa*:

“Os projetos tradutórios não só constroem representações exclusivamente domésticas de culturas estrangeiras, mas, uma vez que esses projetos se dirigem a comunidades culturais específicas, estão **simultaneamente engajados na formação de identidades domésticas.**” (p. 145)

- A criação de sujeitos domésticos

“ A tradução forma sujeitos domésticos por possibilitar um processo de “espelhamento” ou auto-reconhecimento: [...] é um reconhecimento das normas e recursos culturais domésticos que constituem o *self*, que o definem como um sujeito doméstico.”

“O processo é basicamente narcisista: o leitor identifica-se com um ideal projetado pela tradução, geralmente valores que alcançaram autoridade na cultura doméstica e que dominam aqueles de outras comunidades culturais”. (p. 148)

- A criação de sujeitos domésticos
- A tradução da *Septuaginta* por S. Jerônimo: hebraico latim /grego latim (as anteriores) - causaria um furor e descrença devido as alterações nas escolhas tradutórias.

“ Seu discurso tradutório revela sua diversidade cultural. Por um lado, ele **latinizou** traços característicos do texto hebraico [...] Por outro lado, **cristanizou** temas judaicos [...] Ao adotar tais estratégias discursivas, a tradução de S. Jerônimo atraiu cristãos, que como ele, eram instruídos em cultura literária latina ”. (p. 153)

- A criação de sujeitos domésticos

“ As controvérsias na Igreja Cristã deixam claro que as traduções podem alterar o funcionamento de qualquer instituição social porque traduzir, por definição, envolve a assimilação doméstica de um texto estrangeiro. Isso significa que o trabalho de tradução é obrigado a basear-se em normas e recursos culturais que diferem fundamentalmente daqueles que circulam na cultura doméstica (cf. Robyns, 1994, p. 407)”. (p. 154)

- A ética da tradução
- Berman (1992):

A tradução de boa qualidade visa a limitar [a] negação etnocêntrica: ela representa “ uma abertura, um diálogo, uma hibridização, uma descentralização”, e dessa forma, força a língua e a cultura domésticas a registrarem a estrangeiridade do texto estrangeiro. (p. 155)

- A ética da tradução

“ Instituições, sejam elas acadêmicas ou religiosas, comerciais ou políticas, mostram uma preferência por uma ética tradutória de igualdade, uma tradução que possibilite ou ratifique

discursos e cânones, interpretações e pedagogias, campanhas publicitárias e liturgias existentes - pelo menos para **assegurar a reprodução contínua e tranquila** da instituição. No entanto, **a tradução é escandalosa** porque pode criar valores e práticas diferentes, qualquer que seja o cenário doméstico.” (p. 156)

- A ética da tradução

“ Um projeto tradutório motivado por um ética da diferença altera assim a reprodução das ideologias e instituições domésticas dominantes que proporcionam uma representação parcial das culturas estrangeiras e marginalizam outras comunidades domésticas.

[...]

- A ética da tradução

“ O tradutor de tal projeto, contrariamente à noção de *‘fidelidade’* desenvolvida por teóricos como Nord (1991), está preparado para ser **infiel** às normas culturais domésticas que governam o processo tradutório de formação de identidade, chamando atenção para o que elas permitem e limitam, admitem e excluem no encontro com os textos estrangeiros.” (p. 158)

- A ética da tradução
- *Kitchen* de Megan Bakus: Miyoshi e Yoshimoto (p. 164-165).

“ As diferenças linguísticas e culturais introduzidas por qualquer tradução podem permitir que um texto estrangeiro que parece esteticamente inferior e politicamente reacionário no âmbito nacional, represente valores opostos fora do país”.

- A ética da tradução

“ O fator-chave é a ambivalência do tradutor em relação às normas domésticas e às práticas institucionais nas quais elas são implementadas, uma relutância em identificar-se completamente com elas aliada a uma determinação em dirigir-se a comunidades culturais diversas, elitizadas e populares. Ao tentar abarcar as culturas estrangeira e doméstica bem como públicos-leitores domésticos, uma prática tradutória não pode deixar de produzir um texto que seja uma fonte potencial de mudança cultural.” (p. 167)